

Putin

o manipulador da

Putin quer ser o Hércules onde esbarra a superpotência, o selo de garantia unificadora interna, o estratega geopolítico na defesa das minorias russas na Europa, o senhor da Grande Rússia entre uma China imparável, uma Europa em transe e uns Estados Unidos em retraimento. A anexação da Crimeia e a prepotência no resto da Ucrânia não devem surpreender ninguém minimamente atento. Os mais de 80% de popularidade (igual à alcançada na guerra da Geórgia) são apenas o corolário deste axioma: o bafo do urso no exterior fortalece as garras em casa.

Texto de Bernardo Pires de Lima

TODAS AS GRANDES POTÊNCIAS VIVEM a mitologia de um pretense excepcionalismo. Há quem tenha adotado uma missão zelosa de universalismo liberal (EUA), quem temporize a singularidade do seu critério de ascensão (China), quem não se conforme com uma civilização mirrada no espaço (Irão), quem não consiga aceitar o declínio (França), quem não tenha encontrado a fórmula pós-imperial (Reino Unido), quem duvide do seu carma continental (Alemanha), quem mitifique o estatuto pelo espelho da geografia (Brasil), ou quem não descole por medos vizinhos (Índia). E, depois, há a Rússia.

A Rússia não é, como eternizou Churchill, «uma charada embrulhada num mistério dentro de um enigma». É a mais previsível das grandes potências contemporâneas, aquela que antes de ser já o era, que põe em prática o que escreve, que não avisa avisando, que revê a História porque dela se apropriou. A Rússia não é mais do que uma voluptuosa aristocrata com mão de ferro rodeada por uma imensidão de servos e aduladores. A terra é esmagadoramente asiática, mas a cabeça mergulha na continentalidade europeia. Acha-se humilhada, maltratada, espoliada, desprezada por quem já foi seu par nas desventuras da geopolítica. Não assume as derrotas e procura uma glória passada sem pedir autorização. O excepcionalismo russo é paradoxalmente

conservador e revisionista, angelical e brutal, metódico e impulsivo, manipulador e frágil. Vladimir Putin não é mais do que a sua maior síntese.

A pátria não se discute

O mais recente decreto higienista russo proíbe o uso de linguagem obscena em produções artísticas, incitando o povo a usar a narrativa do Estado num todo harmonioso de unidade nacional. Nada disto nasce de geração espontânea e faz parte do espelho em que Putin projeta o «mundo russo», recuperando o pensamento de alguns filósofos dos séculos XIX e XX, como Nikolai Berdyaev, Vladimir Solovyov e especialmente Ivan Ilyin, grandes profetas do excepcionalismo russo. E Putin não só os cita como incita os subordinados a seguir o cânone.

Para Ilyin, a quem Putin recorre frequentemente e em cuja tradução se envolveu pessoalmente em 2009, são três as ideias que definem a marca de água da Rússia: crença num estatuto e num propósito singular universal; devoção à fé cristã ortodoxa; convicção na autocracia. Neste sentido, a Rússia é superior a qualquer dicotomia Este-Oeste, tal a dimensão eurasiática sem paralelo, deve estar imune ao cânone individualista e liberal ocidental, que não é mais do que uma fonte de imoralismo, e é herdeira de um acervo cultural tão sólido que deve per-

alma russa



manecer alicerce da grandeza do Estado. O nacionalismo e o melodrama de Ivan Ilyin têm em Putin um seguidor, basta recuperar as palavras do filósofo – «a nossa hora irá chegar quando a Rússia emergir da desintegração e da humilhação e começar uma época de grandeza» – e adaptá-las aos anos que definem o pequeno Vladimir: a desagregação da União Soviética, a liberalização russa influenciada pelo modelo americano, os alargamentos da NATO e da União Europeia a leste, e a necessidade de travar o expansionismo ocidental com o fervor de uma grande e orgulhosa Rússia.

A cultura é, como sabemos, um mecanismo de exaltação dos chauvinistas. Não é só a recuperação de alguns grandes filósofos que tem ocupado o tempo a Putin, é a articulação das suas premissas com um vasto programa de louvor nacionalista. Se 2014 foi o «ano da cultura russa» e da glorificação desportiva nos Jogos Olímpicos de inverno em Sochi, 2015 será o «ano da literatura russa» e, para isso, Putin já nomeou uma comissão para definir quem merece estar na lista dos escritores a quem a russofonia mais deve. Dostoiévski, Tolstói, Púchkin, Gógol ou Lérmontov serão certamente merecedores dessa vitrine (como se precisassem), Mikhail Prishvin elevado ao Olimpo e é provável que o papel de cada um seja manipulado para definir uma «alma russa» à medida do projeto de Putin. Isto é, mais um passo no tratado

de revisitação histórica e promoção da unidade cultural capaz de criar revanchismo com o exterior e idolatria com o timoneiro. Não nos devemos enganar se *Rebuilding Russia*, de Aleksandr Soljenítsin, for propalado à exaustão, dado que este predileto de Putin, inconformado com o mirrar da pátria em 1990, sonhou um dia unir a russofonia das regiões do Leste ucraniano, Transnístria moldava, Bielorrússia e Norte do Cazaquistão. Estão a ver? Não há coincidências e a previsibilidade é, apesar de tudo, um traço russo apreciável.

Uma vez KGB, para sempre KGB

Como qualquer regime totalitário, a União Soviética assentou estacas numa teia opressora do controlo da vida privada, ou melhor dizendo, apropriando-se da individualidade para diluí-la na opacidade de um interesse permanente de Estado. Para isso dotou-o de mecanismos macabros de tirania, controlo, dissimulação, mentira, paranoia, asfixia, tortura, perseguição e eliminação, nos quais os serviços secretos eram a linha e a agulha que cosiam a imensa manta do império. O regime e o KGB confundiam-se na natureza e as suas figuras icónicas definiam essa «alma russa». É aqui que Vladimir Putin faz a sua escola, gere a sua profissão e molda uma ambição tão discreta como indecifrável. Até hoje.

O manipulador da alma russa

Putin entra no KGB em 1975 e praticamente toda a sua carreira é feita em Dresden, na Alemanha de Leste, onde trabalha de perto com a Stasi no recrutamento de informadores locais. Recuperou a terminologia da polícia política leninista (*chekist*) e assumiu o culto por Yuri Andropov, o homem que durante mais tempo liderou o KGB. Putin manteve a devoção no ano em que presidiu ao FSB (1998), o sucessor do *kontora*, e deu-lhe vida em diversas homenagens públicas durante a sua presidência. Porquê o culto a Andropov? Duas razões explicam-no.

A primeira é o traço estrutural do aparelho de Estado que faz a transição da União Soviética para a Rússia: uma nomenclatura de burocratas e operacionais de *intelligence* e espionagem que atua nos planos político e militar e tem garantido a continuidade da corte em redor do Kremlin. Há quem fale em mais de três milhões de russos perfeitamente integrados nesta muralha defensora do regime, os *siloviki*, também vista como a melhor escola de ascensão na competitiva cadeia de poder. Putin foi o exemplar mais obstinado deste percurso e o KGB a mais perfeita academia na defesa da missão russa.

A segunda resulta do exemplo particular de Andropov, o homem que revigorou esse sentido excecional do KGB, associando-o às características naturais do bom servidor da «Mãe Rússia» e da sua projeção imperial. Andropov foi, para Putin, um transformador, um líder carismático, implacável perseguidor da traição ao Kremlin, sem contemplos com dissidências ou desvios democráticos, ele que tinha testemunhado os seus perigos em Budapeste, quando lá serviu como embaixador em 1956, e a «primavera de Praga», quando liderou a dura resposta soviética. Em Dresden, nos protestos de 1989, seria Putin a aprender a lição. Andropov ainda sucedeu a Brezhnev na chefia do Partido Comunista e, por via disso, da União Soviética, mas a sua morte ao fim de 15 meses de mandato só adensou o mito: para muitos, Putin incluído, tinha morrido cedo demais. Era preciso prolongar o legado e o exemplo acabou por se enraizar na ideologia do aparelho de Estado pós-soviético, pelo que Putin não precisou de inventar nada, só adaptar os conceitos à velocidade a que o atual exercício do poder passou a estar escrutinado.

Anna Arutunyan analisa ao detalhe o culto de Putin em *A Mística de Putin* [ver extrato do livro *nestas páginas*] associando-o a uma crónica ausência de mediação entre o indivíduo e o Estado, propícia à dupla infiltração que eleva Putin ao estatuto divino: por um lado, a simbiose entre a esfera política de poder e a doutrina da Igreja Ortodoxa – o patriarca Kirill descreveu um dia a era de Putin como «um milagre de Deus» – e, por outro, a promoção de uma «nova nobreza», círculo perfeitamente definido de pessoas que perpetuam o cânone e a fraternidade das lides do antigo KGB. Masha Gessen trabalha também com rigor essa dimensão tradicionalista do putinismo em *The Man Without a Face*. Ao criar uma atmosfera em volta dos primeiros anos de Putin, recuperando a ancestralidade da ideologia antidemocrática do KGB, mostra-o como o mais astuto herdeiro de um Estado dentro do Estado, numa ascensão sem alarido nem temor, e menos como alguém que foi eliminando adversários e concorrentes na mais pura linhagem soviética. Neste sentido, e o títu-

lo de Gessen remete para essa imagem nebulosa, Putin não se descolou totalmente de um certo anonimato funcionalista.

A construção do roteiro *silovik*, das origens humildes até ao topo, garante a simbiose necessária com a Rússia saída da Guerra Fria: simultaneamente herdeira de uma massa da população enraizadamente pobre e de uma elite tendencialmente moderna, enriquecida e com atração pelo poder. Mais uma vez, Putin é a síntese perfeita deste escol social russo.

Pós-sovietismo

Putin pode ter oficialmente saído do KGB em 1991, mas o KGB nunca saiu de Vladimir. Ainda em 1990, é nomeado conselheiro do presidente da Câmara de Sampetersburgo com o pelouro internacional, o que prolonga os seus contactos exteriores e lhe garante um perfil maior do que a dimensão da sua cidade. Esse tirocínio de seis anos é essencial para manter o melhor de dois mundos: das informações e da política. Passa a estar atento aos investimentos estrangeiros, aos negócios dos novos oligarcas de Ieltsin, sabe o que fazem, com quem se cruzam, como chegam ao Kremlin. De Sampetersburgo a Moscovo era apenas uma questão de tempo.

O seu nome vai começando a circular nos corredores do poder e Ieltsin fá-lo seu conselheiro em 1996. Para o tenente-coronel a ascensão estava a ser mais rápida do que alguma vez imaginou, subindo a pouco e pouco dentro do gabinete presidencial, proximidade que lhe valeu um regresso a «casa» para liderar a secreta russa. Durou pouco tempo. Em 1999 é nomeado por Ieltsin para a chefia do Governo e, quando a presidência caiu em desgraça e a saúde do velho Boris definhou, viu a passagem de testemunho feita em regime hermético: Ieltsin abdica na última noite desse ano e Putin é coroado sucessor.

Esta chegada meteórica ao topo da Rússia pós-soviética é feita por duas vias. Uma, tem em conta a experiência ganha em Sampetersburgo, quer no plano político, quer no controlo de recursos financeiros e que lhe valeram acusações de apropriação indevida. Essa condição de dominador de uma imensidão de propriedades estatais dentro e fora da Rússia deu-lhe acesso a recursos, controlo administrativo e fez dele um homem temido na floresta de clãs do poder moscovita aos quais Putin não pertencia. Para vingar na capital, tinha de ter mais trunfos na manga do que todos os outros juntos. A hipótese do seu uso, a par do acesso a informações sobre a corte de Ieltsin, fizeram dele o mais poderoso dos espíões na reserva.

A outra, paradoxalmente, renegando Ieltsin. Putin foi sempre muito mais um *self made man* dentro das potencialidades do aparelho de Estado do que propriamente um protegido do russo em quem o Ocidente mais acreditou. Esse percurso aproximou-o de uma certa ideia de «novo russo», alguém que não possuía linhagem na nomenclatura de Estado mas que sabia movimentar-se com discrição na difícil hierarquia russa em ressaca pós-imperial. Putin só precisava de transformar essa discrição apoteótica em carisma nacional e para tal apoiou-se em duas dimensões: na insegurança interna como ameaça da unida-

A cultura é, como sabemos, um mecanismo de exaltação dos chauvinistas. Não é só a recuperação de alguns grandes filósofos que tem ocupado o tempo a Putin, é a articulação de um vasto programa de louvor nacionalista. Se 2014 foi o «ano da cultura russa» e da glorificação desportiva em Sochi, 2015 será o «ano da literatura» e, para isso, Putin já nomeou uma comissão para definir quem merece estar na lista dos escritores a quem a russofonia mais deve.

de territorial russa (terrorismo checheno) e na exaltação do fantasma externo, encarnado no avanço das instituições ocidentais pelo antigo Pacto de Varsóvia dentro.

Afinal, o que definiu esses anos de Ieltsin tão dramatizados por Putin? Em primeiro lugar, a ideia de humilhação moral aos pés do Ocidente. A desagregação da União Soviética – que Putin definiu como «a maior catástrofe geopolítica do século XX» – não é só um recuo geográfico, mas a abdicação de um modelo político. A rápida adesão aos princípios «do consenso de Washington» teve um impacto desastroso numa economia impreparada, levando a uma brutal crise financeira em meados dos anos 90. Nessa altura, com a liberalização económica em colapso e os cofres praticamente secos, o país estava paralisado, a fuga de capitais era dramática e a sociedade vivia à beira de um conflito grave. O preço do petróleo baixara e a crise financeira asiática contribuiu para a redução da procura energética russa. O alargamento da NATO a leste expunha a fragilidade dos movimentos russos: sem ordem interna, crescimento económico, aparelho militar modernizado e um restabelecimento da centralidade do Kremlin no orgulho do país, Moscovo não tinha força para travar a dinâmica do «momento unipolar». Não era só uma certa História que parecia terminada, era outra que começava a ser escrita por um só autor: Washington. Putin era o depositário dessa humilhação nacional.

Em segundo lugar, uma desordem galopante. Não há sentimento mais enraizado entre os russos do que a noção de proteção a partir de um centro paternal, forte, preferencialmente equitativo, garante da dimensão territorial, da História russa e do seu excepcionalismo antropológico. Putin é isto: o representante da vontade geral russa manipulando os seus medos e ansiedades. Dá-lhes ordem quando disciplina a economia e captura oligarcas repentinos. Restitui-lhes a esperança quando revisita um passado para muitos glorioso, recuperando o hino soviético e promovendo grandes planos de investimento na saúde, educação, infraestruturas, agricultura ou assistência à maternidade e à velhice. Promete-lhes proteção quando derrota o terrorismo independentista na Chechénia, Inguchétia e Daguestão. Fecha o punho de ferro quando é implacável com o terror no teatro de Moscovo, na escola de Beslan ou na captura das «viúvas negras» que se fazem explodir no metro da capital. Os russos, que já se consolavam no colo da «Mãe Rússia», encontravam agora um pai protetor.

Putin foi eleito «por uma livre, próspera, forte, civilizada e orgulhosa Rússia». Para isso precisava de inflacionar o preço do petróleo e do gás para encher os cofres públicos e condicionar os países compradores. Durante a crise financeira de 1998-1999, o preço do barril estava nos 10 dólares; em 2008, nas vésperas da guerra na Geórgia, chegou

aos 147 dólares, provando que a *hubris* de Moscovo também tem preço. O crescimento económico permitia-lhe renovar o obsoleto aparelho militar e dizer a Washington que os 25 milhões de pessoas etnicamente russas a viver na vizinhança estavam sob proteção de Moscovo. O papel de Putin era, como recordam Michael Stuermer em *Putin and the Rise of Russia* ou Richard Sakwa em *Putin Redux*, tão cristalino como o gelo da Sibéria: restituir a ordem e o orgulho à Rússia e recuperar o equilíbrio de poder com os EUA.

O regresso da História

O anúncio da morte da História foi manifestamente exagerado. À condescendência com os anos «libertinos» de Ieltsin seguiu-se o fechar do cerco nos anos de Putin. Sucederam-se os alertas com os alargamentos da NATO, procurou-se um eixo com Paris e Berlim contra o unilateralismo dos EUA no Iraque, houve intransigência contra o voluntarismo da Geórgia, algum regozijo com a queda do Lehman Brothers, fechou-se periodicamente a torneira do gás à Ucrânia, promoveu-se a união aduaneira com a Bielorrússia e o Cazaquistão, instituiu-se um agressivo capitalismo de Estado, uma imagem guerreira mas racional do Presidente, e a defesa dos seus interesses no Médio Oriente e na moldagem dos EUA na guerra civil da Síria. Putin quer ser o Hércules onde esbarra a superpotência, o selo de garantia unificadora interna, o estratega geopolítico na defesa das minorias russas na Europa, o senhor da grande Rússia entre uma China imparável, uma Europa em transe e uns Estados Unidos em retraimento. A anexação da Crimeia e a prepotência no resto da Ucrânia não devem surpreender ninguém minimamente atento. Os mais de 80% de popularidade (igual à alcançada na guerra da Geórgia) são apenas o corolário deste axioma: o bafo do urso no exterior fortalece as garras em casa.

Mas, como nos lembra Ben Judah no magnífico *Fragile Empire*, a imensidão geográfica russa é politicamente mais relevante do que a centralidade com que nos habituámos a olhar para Moscovo. Ela está profundamente refém da corrupção endémica, social e etnicamente desigual, e a economia acaba por estar propositadamente distorcida para dar vantagem permanente ao grupo mais serviçal de Putin. Ora, esta fragilidade imperial carrega riscos enormes, exige uma beligerância constante com o exterior, avança o isolacionismo político, sanciona a economia, desgasta o executivo, incita o escrutínio popular, vai inibir a informação, a liberdade de expressão, fechará o círculo e reavivará a repressão, até influenciar outros líderes como Erdogan na Turquia, Jinping na China e Orbán na Hungria. A sua escola é tão autoritária em casa, como divisionista fora dela. E Putin manipula-a como entende.